

Universidade Federal da Paraíba – Campus II

Centro de Humanidades

Departamento de História e Geografia

Curso: História

Disciplina: Prática de Ensino de História

Professor: Alarcon Agra do Ó

Aluno : Carlos José Barreto Cavalcanti

Orientador: Antônio Clarindo B. de Souza

Período: 2001. 2

MONOGRAFIA



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Agradecimentos | 4 |
| Introdução | 6 |
| Capítulo 1: Os PCN's são utilizados na sala de aula do ensino fundamental?..... | 7 |
| Capítulo 2: Relato e discussão do planejamento e desenvolvimento das atividades | 12 |
| 2.1- Discussão de alguns textos teóricos | 14 |
| 2.2- O estágio na sala de aula..... | 16 |
| 2.3.1- Se a História é uma arte, o professor é um artista..... | 19 |
| Conclusão | 22 |
| Bibliografia | 23 |
| Anexos | 25 |

Carlos José B. Cavalcanti
Aluno da Prática de Ensino

Antônio Clarindo B. de Souza
Orientador

AGRADECIMENTOS

Ao falarmos em agradecimentos pensamos logo nas pessoas que nos ajudaram nesta longa caminhada da nossa vida que é a conclusão de um curso superior. No entanto, pelo fato da nossa memória ser seletiva, pedimos desculpas aos companheiros que por ventura não forem citados no relatório, contudo sintam-se citados no relatório do meu coração, esse com certeza não esqueceu de ninguém.

Iniciamos agradecendo ao nosso querido, amado, honrado e glorioso Deus em nome do Nosso Senhor Jesus Cristo, por ter me aceitado do jeito que sou e me dado sabedoria e paciência para erguer a cabeça e seguir em frente no momento mais difícil da minha vida. A todos os meus familiares, à pessoa do meu pai José Barreto Cavalcanti que sempre foi para mim um exemplo de homem com caráter ímpoluto a ser seguido; a minha mãe Eneide Cavalcanti por sempre apoiar as minhas decisões que, muitas vezes, tomei sem pensar nas conseqüências, a minha esposa e amada Rildjane Alves Cavalcanti por acreditar em mim e juntos lutarmos sempre por um mesmo ideal, as minhas irmãs Elisabeth, Edineide, Ediene e do meu cunhado Almir. Agradeço também a minha avó Maria que me incentivou a voltar e terminar o curso, pois sempre dizia que sem o mesmo eu não seria ninguém.

À Universidade Federal da Paraíba.

Ao meu orientador e amigo Antônio Clarindo B. de Souza que me mostrou a possibilidade de fazer um estágio enriquecedor depois de vários "puxões de orelhas". Aos professores e funcionários do DHG, LABEHG e SEDHIR, a todos os mestres de outros departamentos, que por um período foram meus professores e dos demais alunos do curso também; a todos os colegas da turma 95.1 e aos amigos Joel Carlos, Vandeilton, Tatiana, Ana Lúcia, Sérgio, Júnior, Glayds, Alexandrino, Karinne e Helder.

Ao professor da Prática de Ensino, Alarcon Agra, que nos mostrou como pode ser o procedimento de um professor de História no Ensino Fundamental e Médio. Ao professor Durval Muniz e ao CNPq a quem devo muito do meu crescimento acadêmico e também como pesquisador, ao professor Celso Gestermeier por ser

um grande conselheiro; à professora Nilda pela forma de ousar com os recursos didáticos em sala de aula nos mostrando novas direções a seguir e aos demais colegas que se formarão no mesmo período: Alana, Cícero Vinícius, Célia, Sebastião, Ezilda, Fabrício, Josmara, Luzia, Gislaine, Laura e Vanuza. À Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irmã Joaquina Sampaio por ter sempre me recebido muito bem, sua diretoria, professores, funcionários e, principalmente, os alunos, pois sem eles não existe aprendizado.

Enfim, a todos que mesmo por um minuto fizeram parte da minha história, os meus sinceros agradecimentos.

INTRODUÇÃO

Neste relatório tentaremos abordar um pouco da nossa experiência na disciplina de Prática de Ensino que nos abriu as portas para o estágio supervisionado. Contaremos como funcionou o mesmo, primeiramente partindo de discussões teóricas com o professor da Prática Alarcon Agra do Ó (isso na primeira etapa) e, posteriormente, aprofundando as discussões da disciplina dentro do próprio estágio, seguindo, neste caso, os comentários e sugestões feitas pelo orientador Antônio Clarindo (já na segunda etapa das atividades).

Ao explanarmos os textos teóricos enfatizaremos se as teorias funcionaram ou podem ser usadas em sala de aula na prática. Descreveremos também o cronograma de atividades que mostra a forma como foi dividida a carga horária da disciplina. Descreveremos ainda a estrutura física da escola na qual fizemos o estágio supervisionado e como é formado o corpo docente e técnico. Esta parte recebeu o título de: "Se a História é uma arte, o professor é um artista".

Um ponto que achamos muito importante neste relatório é o que aborda, após uma pesquisa rápida e objetiva feita na própria escola, se os PCN's são utilizados na sala de aula e como os professores trabalham com este material.

Com isso, convidamos todos a dar um passeio por este relatório para dividir o prazer que foi experimentar a união da teoria com a prática, ou seja, de tentar testar o que aprendemos dentro da Universidade na Escola de Ensino Fundamental e Médio.

CAPÍTULO 1 – OS PCN'S SÃO UTILIZADOS NA SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL?

A primeira atitude que temos antes de adentrarmos diretamente no texto é explicar de forma geral o que são os PCN's e quais os seus objetivos. Pois bem, estamos falando dos Parâmetros Curriculares Nacionais, uma proposta do Ministério da Educação que tem como objetivo "melhorar o ensino fundamental em nosso país, buscando uma melhor qualidade do ensino e da aprendizagem" que só seriam possíveis com investimentos na formação inicial e contínua "dos professores, com salários dignos, um plano de carreira, a qualidade do livro didático, de recursos televisivos e de multimídia, a disponibilidade de materiais didáticos".¹ No entanto, o plano acredita que isso se torne possível mediante uma nova mentalidade, ou seja, tudo isso só poderia existir se antes, os professores, considerados como "corpos dóceis" se mostrassem capazes de provar mudanças no "pensar os currículos adotados pelas escolas."

Estas definições foram possíveis após a "Conferência Mundial de Educação para Todos", ocorrida em 1990 em Jomtien – Tailândia, convocada pela UNESCO, UNICEF, PNUD e Banco Mundial, respeitando a declaração de Nova Delhi (compromisso traçado pelos nove países em desenvolvimento de maior contingente populacional do mundo).

A conferência visava tornar universal os parâmetros que deveriam organizar a educação fundamental e mostrar como deveria funcionar a aprendizagem para crianças, jovens e adultos. A partir daí, o Brasil (através do MEC) assumiu um compromisso internacional de melhorar o sistema educacional no país que conta, inclusive, com investimentos de todos esses órgãos. Uma questão fica no ar: para onde vai todo esse dinheiro? Ainda é uma incógnita. Sabemos que uma pequena parte é investida no projeto Bolsa-Escola, no programa de merenda escolar, em alguns recursos tecnológicos tais como: videocassetes, aparelhos de som, televisão, e no FUNDEF; em programas para o ensino supletivo, educação à distância, alfabetização de adultos e na rede CEPES. No entanto, se comparado aos milhões

¹ PCN's, MEC, Brasília, 1997. Introdução. P. 13 e 14.

oriundos do Banco Mundial, da UNESCO, UNICEF E PNUD isso ainda é muito pouco.

O que o MEC tratou de fazer foi implantar a "Educação para Todos", programa que já havia dado certo em outros países. Para isso, o Ministério criou o plano decenal (1993-2003) que visa, principalmente, a recuperação das escolas de Ensino Fundamental. A partir de então, surgiu a nova lei de diretrizes e bases da educação nacional (Lei Federal nº 9394), que foi aprovada em 20 de Dezembro de 1996.

Algumas discussões teóricas têm sido feitas no Brasil sobre este tema. O trabalho da professora Sandra Mara Corazza: *"O que quer um Currículo?"* analisa os PCN's. No capítulo IV, intitulado *"Governamentalidade Moral do Currículo Nacional"*, a autora impõe ao modelo bastante restrições, pois ela acredita que os PCN's representam *uma moral* que deve ser seguida na formação de crianças da 1ª a 4ª série. Diz ela: *"Considerarei que a prática dos PCN's é o que este discurso objetiva no que diz respeito ao como os indivíduos devem ser; o que devem fazer; como devem relacionar-se na sociedade e consigo mesmos"*². Assim, os PCN's funcionariam como um controle normativo de condutas e comportamentos ditados por uma *governamentalidade moral* para que a epistemologia infantil seja organizada por aqueles que constituem a cadeia de relações de poder existente neste meio (professor – aluno; aluno – professor; professor – diretor; diretor – aluno; diretor – Secretaria de Educação; Secretaria de Educação – professores; Secretaria de Educação – MEC, etc).

Assim, percebemos que Sandra Corazza entende os PCN's como um discurso que determina, inclusive, quais sonhos devem ser sonhados por crianças, sem preocupar-se com aquilo que elas poderiam contribuir, dentro do seu Universo, para o crescimento da escola. A autora ainda mostra que o cidadão modelo não é formado pelos PCN's: *"Nunca acreditei no objeto "infanto-cidadão" – já que este não passa de um correlato da prática de governo dos PCN's. Prática que cria dentre outros, também o "objeto natural" Parâmetros Curriculares Nacionais"*³.

Apesar de concordarmos com a professora, percebemos que este tipo de crítica não pode ser feito aos PCN's por muitos dos professores do Ensino

² CORAZZA, Sandra Mara. *O que quer um Currículo? Pesquisas pós-críticas em Educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p. 79.

³ CORAZZA, Sandra Mara. *Idem ibidem*. p. 80.

Fundamental e Médio, pois, eles nem sequer conhecem os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Em uma pequena pesquisa que fizemos na escola Na E. E. E. F. M. Irmã Joaquina Sampaio, analisando como os PCN's são abordados pelos professores, chegamos a conclusão de que alguns professores nem sequer pegaram nos PCN's, muitos não sabem nem o significado dos mesmos e outros usam o discurso que ouviu falar por terceiros, dizendo que não quer nem ver, pois, eles seriam uma forma que o governo encontrou para vigiar e determinar os passos que os professores devem seguir na sala de aula.

Através dos resultados desta pequena pesquisa observamos algumas respostas dadas por professores das diversas áreas do conhecimento que mostra um pouco do que estamos afirmando.

Pesquisa feita por amostragem com 8 professores do turno da manhã das disciplinas Inglês, Geografia, Matemática, Religião, Português e História da E. E.F. M Irmã Joaquina Sampaio.

Questões da Pesquisa:

- 1º O que são os PCN's?
- 2º Você já leu os PCN's?
- 3º Você sabe como surgiram os PCN's?
- 4º Você segue os modelos sugeridos pelos PCN's em sala de aula?
- 5º Na sua opinião qual seria a proposta que o governo deveria implementar, que melhor representasse a nossa realidade na rede pública?

Resultados da Pesquisa

| QUESTÃO | 1º | 2º | 3º | 5º | 6º |
|--------------------|---------------|---------|----------|----------|---|
| PROFESSORES | 80% Não sabem | 90% Não | 100% Não | 100% Não | 60% Não têm opinião |
| | 20% sabem | 10% Sim | _____ | _____ | *40% acreditam que deveriam contemplar a realidade e a participação da vida do aluno. |

* É visível a falta de informação, pois nos PCN's de História do Ensino Fundamental, tal realidade está contemplada em um dos objetivos que visa abordar a participação social e política de cada um.

→ Um outro ponto que podemos observar nesta pesquisa é o distanciamento que existe entre os objetivos pretendidos pelo MEC, os discutidos dentro da Universidade e a realidade de total desconhecimento por parte dos professores de todas as disciplinas. Tal situação foi percebida na prática. Quando cheguei na Escola e pedi à diretora os livros dos PCN's do Ensino Fundamental do 1º Ciclo, a mesma perguntou como era o formato. Então, eu lhe disse que eram livros pequenininhos e ela me disse que não existiam esses "livrinhos"; o que tinha lá era um livro "bem grosso" e quando ela o pegou, para surpresa minha, o tal livro grosso era a coleção completa dos PCN's, que vinha dentro de uma caixa em forma de livro. Depois do susto, expliquei a ela o que era o "livro grosso".

→ Por este pequeno caso podemos perceber é que, muitas vezes, o material vem do MEC e nem sequer chega ao conhecimento do corpo docente para que possa ser discutido por todos.

Não estamos aqui para defender ou criticar os PCN's. O que nós percebemos é que os PCN's não podem ser vistos apenas negativamente por serem um produto que criado ou copiado pelo governo federal, pois eles permitem às escolas se posicionarem quanto a segui-los ou não. Observamos que os PCN's têm também muitos temas e assuntos interessantes. No caso dos PCN's que trabalham com o ensino de História podemos perceber que existe algo que chama a atenção e que talvez desse certo em algumas escolas. Os PCN's de História do Ensino Fundamental afirmam que: *"Por ser um documento de âmbito nacional, esta proposta contempla a pluralidade de posturas teórico-epistemológicas do campo do conhecimento histórico. Ao valorizar professor e aluno com suas respectivas inserções históricas, como sujeitos críticos da realidade social e como sujeitos ativos no processo de ensino e de aprendizagem, ela assume a objetividade metodológica de como ensinar História".*⁴

⁴ PCN's, História. Brasília: MEC, 1998. p. 15.

CAPÍTULO 2 – RELATO E DISCUSSÃO DO PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

Ao iniciar a disciplina de Prática de Ensino em História na Escola de Ensino Fundamental e Médio, nos deparamos com uma situação até então desconhecida no nosso curso universitário, pois fomos informados pelo coordenador, que por sinal foi o mesmo professor da Prática, Alarcon Agra do Ó, que esta disciplina desde 1997 deveria contar com 300 horas. No entanto, após as quatro primeiras discussões sobre a melhor solução para todos os alunos, o mesmo criou uma situação ímpar para que os prováveis concluintes terminassem todos no período 2001. 2.

A proposta, que partiu do coordenador, e logo foi aceita por todos os matriculados, até pelo fato de ser a única, foi a seguinte: os alunos que tivessem o número de matrícula anterior ao período 96.2 fariam as 120 horas e teriam um complemento de 180 horas com algumas atividades excedentes como, oficinas, avaliação das atividades de docência, etc.

Acertados os primeiros detalhes dessa nova modalidade, iniciamos então a nossa quinta aula com uma discussão bastante interessante e interessada sobre como planejar. Para isso, tomamos como base teórica o texto *“Planejamento de Ensino como Estratégia de Política Cultural”*, da professora Sandra Mara Corazza, que nos dava algumas direções de como poderia ocorrer tal planejamento. Ao término da aula o professor pediu para que respondêssemos a seguinte questão: Qual a opinião da autora sobre como deve ser feito um planejamento ideal? Essa questão foi respondida e entregue na sétima aula. Nesta aula discutimos a questão proposta, cada grupo apresentou a sua opinião e em seguida o professor discorreu sobre ela. No final da aula, ele dividiu novamente a sala de aula em dois grupos compostos por cinco alunos e pediu que cada grupo respondesse a uma dada questão. Tentamos discutir, seguindo a autora, qual seria o planejamento que nós poderíamos trabalhar em cada escola. Na aula seguinte, começamos explicando ao professor como chegamos a um possível modelo “ideal”.

No próximo encontro, após algumas considerações iniciais trazidas pelo professor com relação à disciplina, conseguimos terminar o texto referente ao

planejamento, chegando enfim, no eixo proposto por ele. Na décima quinta aula iniciamos uma série de leituras sobre a Prática de Ensino que envolvia dez textos, abordando aspectos como a escola, a educação escolar na virada do século, o currículo, o ensino de História, entre outros temas que também foram abordados. Além disto, recebemos questões feitas pelo professor para avaliar o nosso entendimento sobre os textos acima citados.

Essa atividade ocorreu com carga horária de 60 horas/ aula. Ao mesmo tempo em que nós desenvolvíamos estas atividades em sala de aula, começávamos a definir os orientadores, as escolas a serem visitadas para o estágio supervisionado e as leituras que devíamos fazer. Já com esta etapa concluída cada aluno começou um trabalho específico com o seu orientador.

A primeira parte do trabalho foi definir os horários para discutir os textos e o cronograma de trabalho com o orientador. No nosso caso, definimos alguns horários alternados e a primeira atividade proposta por ele foi definir quais as salas de aula do Ensino Fundamental e Médio em que gostaríamos de fazer a Prática de Ensino e quais os temas que iríamos trabalhar. No segundo encontro demonstramos que as turmas eram uma sétima e uma oitava série do Ensino Fundamental e um primeiro e um segundo ano do Ensino Médio na E. E. E. F. M. Irmã Joaquina Sampaio, onde já lecionamos. A partir daí começou o nosso estágio que englobou cerca de 60 horas/ aula, sendo 12 horas em sala de aula, 12 horas de acompanhamento e reuniões com o orientador e 36 horas de leituras para a preparação das aulas expositivas. Ainda assistimos filmes sobre os temas, o que ultrapassou, em muito, as 60 horas/aula propostas por um sistema educacional atrasado que não conhece, muitas vezes, a realidade de uma sala de aula e, não sabe portanto, o quanto é necessário o bom comentário sobre a preparação da aula.

2.1. – DISCUSSÃO DE ALGUNS TEXTOS TEÓRICOS

Neste ponto iremos abordar alguns textos teóricos que mais nos chamaram atenção nas aulas da prática de Ensino, dando ênfase a pontos que foram bastante trabalhados pelo professor em sala de aula.

Um texto que encheu os nossos olhos foi o da professora Sandra Mara Corazza "*Planejamento de Ensino como Estratégia de Política Cultural*". A autora trabalha, através de um pensamento pós-crítico, mostrando como os efeitos esperados alteram a própria realidade e produzem um sentido para tudo, como deve ser um planejamento. Embora não apresente um modelo pronto e acabado, pois, a mesma não acredita que planejamento funcione como "receita de bolo", que tenha uma "fórmula mágica".

Para que nós tivéssemos uma melhor definição da idéia abordada pela autora, o professor da disciplina fez a seguinte pergunta: Qual o conceito de planejamento definido pela autora? Cada aluno tentou responder individualmente. Depois, a nossa resposta coletiva foi a de que a proposta de planejamento que estaria mais próxima da ideal seria uma que não tivesse o controle tecnicista e disciplinar da teoria Marxista, nem muito menos a dos liberais baseadas nas atitudes e comportamento dos alunos. O modelo de planejamento a ser seguido, segundo a autora, seria um modelo diferenciado, baseando-se em práticas que foram afirmativas no campo do estágio, o planejamento deveria, portanto, ocorrer tendo outras significações, desenvolvendo sempre a produção cultural, no sentido de atender os interesses dos alunos, para a partir daí tirarmos êxito deste novo tipo de proposta.

Alguns textos teóricos também chamaram a nossa atenção, principalmente aqueles que abordam a escola como um tema central da discussão. Observamos isso nos textos de Ana Maria Monteiro "*A Prática de Ensino e a produção de Saberes na Escola*"; Nilda Alves e Regina Leite Garcia "*A Invenção da Escola a Cada Dia*" e "*A Educação Escolar na Virada do Século*". Estes são textos que abordam como a Prática de Ensino pode funcionar dentro de uma escola, mostrando também diversos problemas e possíveis soluções que envolvem o cotidiano de uma escola.

Ainda trabalhamos as formas de avaliação que podem existir dentro das escolas na qual o professor deixou um questionamento para nossa reflexão: Qual deveria ser a forma de avaliação adequada para que os alunos sejam mais bem aproveitados dentro da escola? Após lermos alguns textos sobre o assunto, nos deparamos com o trabalho de pesquisa da professora Jussara Hoffman da Universidade Federal do Rio Grande do Sul "*Avaliação Medidora*" no qual a mesma propõe uma avaliação cujos alunos participem mais de perto desta forma de julgamento. Este processo requer um aprendizado contínuo no qual os alunos são acompanhados durante todo o ano, onde **o professor faz o papel de mediador entre o saber e o aprender** e vai montando, junto com o aluno, a solução para os objetivos indicados durante o decorrer do ano letivo. Assim, podemos perceber que a avaliação ideal possa explorar o potencial ou habilidade que cada aluno possui, como por exemplo: se o aluno gosta de pintura devemos incentivá-lo na arte, passando avaliações que contemplem as suas habilidades. Entretanto, é necessário que exista discussões específicas e atendimentos individuais para que isto ocorra com o êxito desejado por todos. Esta forma de avaliação foi discutida em algumas aulas de Metodologia do Ensino com a professora Nilda e quase todos os alunos a consideram como modelo de avaliação mais "próximo do ideal". As dificuldades para implementar este modelo são as formas de avaliação que a própria escola cobra do professor através provas e testes, muito embora seja possível encontrar brechas para colocá-la em prática e saber se esta funciona na prática. Uma sugestão para a implementação da mesma seria em toda unidade fazer uma avaliação de habilidade específica e os alunos iriam explorar suas aptidões dentro do assunto abordado pelo professor. Ainda discutimos na disciplina outros textos, por exemplo: "*O Currículo como Artefato Social e Cultura*" de Tomaz Tadeu da Silva; Maria Vorraber Costa com o texto "*Sujeito e Subjetividade nas Tramas da Linguagem e da Cultura*", entre outros que também foram discutidos.

2.2 – O ESTÁGIO NA ESCOLA

Após fazermos a leitura dos textos teóricos sugeridos pelo orientador e depois de assistirmos alguns filmes referentes aos temas, discutirmos alguns mapas que seriam utilizados nas aulas expositivas do ensino fundamental e médio e discutirmos quais seriam os temas a serem trabalhados em sala de aula, partimos então para verificar como a teoria de fato poderia atuar dentro de uma realidade, com alunos extremamente diversificados, questionar problemas, analisar a história, tendo em vista o próprio cotidiano de cada um. Em sua grande maioria suas famílias são de agricultores e apresentam pouco nível de conhecimento escolar. Muitos destes alunos se alimentam apenas no intervalo dentro da escola (isto quando o Estado repassa o orçamento da merenda escolar para estas). Enfim, é um mundo com o qual em nenhum momento nos preparamos para nos defrontar no campo do estágio: o que fica bem claro para cada um dos estagiários é que partimos para a prática sem termos base suficiente para nos depararmos com diversas situações que podem surgir dentro da sala de aula.

Fazendo esta breve explanação e com as aulas preparadas, fomos para a prática. No dia 22/04 às 7:15h da manhã entramos na 8ª série do Ensino Fundamental para refletirmos sobre o tema: "A Segunda Guerra". Após aproximadamente uma hora e trinta minutos de aula deixamos a sala de aula com algumas dúvidas, apesar do orientador ter gostado do esquema de aula, do domínio de conteúdo e de uma parte da utilização do mapa. A dúvida foi a seguinte: Como a Segunda Guerra Mundial pode ser vista no Ensino Fundamental em apenas duas aulas? Temos um programa a cumprir que não dá muita liberdade para nos estendermos mais com assuntos extremamente importantes. Mesmo sabendo disso na aula seguinte ainda trabalhamos o filme "Pearl Harbor" e creio que alcançamos um objetivo que não havia alcançado na aula anterior, que era mostrar a ascensão do bloco capitalista sobre o bloco comunista. Um outro problema que analisamos foi que os alunos não participaram da aula. No entanto, a participação foi retomada com a relação que eles fizeram entre o filme e a aula expositiva. Uma das perguntas foi sobre o ataque que os Estados Unidos fez em 1945, soltando bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, poderia ser justificado pelo ataques dos japoneses a "Pearl

Harbor”? Tentei explicar que em parte sim, só que a grande mensagem era para a União Soviética, mostrando assim o poderio bélico norte-americano aos comunistas.

A outra aula no Ensino Fundamenta foi na 7ª série, o tema abordado foi a “Revolução Francesa”. Nesta aula os alunos participaram bem, o conteúdo foi apresentado completo e deixamos uma questão na sala de aula⁵ para ser analisada e comentada com os alunos; na aula seguinte os mesmo trouxeram as questões respondidas. Mas, dois detalhes ficaram faltando: uma abordagem melhor, tendo em vista o problema do tempo da aula, foi abordar o cotidiano das pessoas e explorar melhor a divisão que existia dentro do terceiro estado.

Na semana seguinte, dia 29/ 04, partimos para as aulas no Ensino Médio. Depois de apresentar o plano de aula ao orientador e discutir os textos que haviam sido trabalhados com o mesmo. Fomos para a primeira aula no Ensino Médio que foi no 2º ano e o tema explorado foi a “Expansão Marítima e a Revolução Comercial”, já a outra aula foi na turma de 1º ano cujo tema foi “A Origem da Humanidade”. Para a escolha desses temas, a professora titular da disciplina foi bastante radical, dizendo que deveria seguir rigorosamente o programa do PSS (Processo Seletivo Seriado). Em casos como este é que percebemos que a realidade na escola é outra, que não podemos simplesmente mudar um sistema educacional atrasado com teorias que aprendemos na Universidade e que nesse caso se apresenta totalmente vulnerável.

Na sala de aula do 2º ano, antes de entrarmos na mesma fomos informados que a professora não iria comparecer, o que já era bem “normal”. Pedimos, então, licença à diretora e simplesmente “invadimos” a sala da mesma, pois tínhamos um cronograma a desenvolver. O primeiro problema que percebemos é a grande evasão escolar que existe no Ensino Médio nas turmas da noite, um outro fator a ser percebido é que a aula deveria começar às 18:30h, contudo, os alunos e particularmente alguns professores só chegam no colégio às 19:00h, quando tem início a primeira aula, com cerca de 30 minutos de atraso. Isso quer dizer que a primeira aula se resume a 10 minutos (acredito que só dá para cumprimentar os alunos e fazer a chamada), o que podemos definir como uma “aberração escolar” e muitos colocam a culpa no sistema educacional (Ministério da Educação) quando

⁵ A questão segue nos anexos na parte que concerne a avaliação do plano de aula da “Revolução Francesa”.

percebemos claramente, neste caso específico, que o problema está em cada um dos envolvidos, muitos não tem um “pingo” de compromisso com a educação.

Voltando a nossa aula no 2º ano, colocamos os pontos que deveriam ser discutidos em sala de aula, começamos a exposição do tema, e para nossa felicidade logo começaram a surgir muitos questionamentos por parte dos alunos ao longo da aula, tais como: O que foi a Escola de Sagres? Para que serviu a Expansão Marítima? Quais os outros Estados que participaram da Expansão Marítima? etc. Ao longo da nossa aula percebemos que os objetivos traçados foram alcançados, embora o pouco tempo tenha feito com que tivéssemos que adiantar algumas informações.

Na quarta-feira da semana seguinte, dia 08/05, fomos para nossa última aula no Ensino Médio. Desta vez a aula versava sobre o tema: “As teses sobre as Origens do Homem” esta aula foi numa turma de 1º ano que se mostrava muito acanhada e poucas perguntas surgiram como: Onde os dinossauros moravam? (Explicamos que os dinossauros não conviveram na mesma época que os hominídeos). Nós viemos do macaco? (Mostramos que existe uma tese que mostra que os nossos ancestrais diretos são pongídeos que evoluíram para o gênero homo), etc. Nesta turma o assunto foi abordado por completo, embora novamente a questão do tempo tenha colocado em xeque, pois foi pouco para um tema que trabalha com uma das teses que tem pretensão de abordar mais de quatro milhões de anos. Ao sairmos da aula deixamos uma questão⁶ para ser respondida e entregue na próxima aula.

Enfim, esta foi nossa experiência no estágio supervisionado onde tentamos mostrar alguns problemas que apareceram ao longo desta caminhada e que não dependem do nosso desenvolvimento, como é o caso do horário que não é cumprido nem por professores e nem por alunos. É hora de repensar não apenas a nossa formação e sim todo sistema de educação.

⁶ A questão sobre a Origem do Homem segue em anexo.

2.3. – SE A HISTÓRIA É UMA ARTE, O PROFESSOR É UM ARTISTA

No teatro profissional da vida, o dia começa muito cedo. Por volta das seis horas da manhã é hora de levantar, tomar banho, tomar café e partir para o trabalho em sala de aula. Começam então os preparativos para os artistas entrarem no grande palco e começarem a encenar, cada um, o seu papel.

Por volta das sete horas chegamos na entrada do teatro (E. E. E. F.M. Irmã Joaquina Sampaio), o público (os alunos) já se faz presente minutos antes dos espetáculos começarem na porta do teatro (entrada da escola), alguns o cumprimentam reconhecendo seu trabalho, talento, sua importância e seu carinho na peça que trata da educação, outros lhe olham como atores sem muito reconhecimento ou até mesmo fracassados, como se fossem atores mambembes. Afinal você trabalha num teatro “pequeno”, do Estado, sem expressão no cenário educacional campinense.

Quando chegamos dentro do teatro a primeira providência é irmos para o camarim (sala dos professores) com instalações bem precárias, onde outros atores (colegas) se queixam o tempo todo dos baixos salários, das condições de trabalho que o mesmo oferece para cada um de nós artistas da educação, de dores na coluna, etc. Muitos já são profissionais em fim de carreira, sem nenhuma esperança de vencer na arte de ensinar; outros são até jovens, mas já estão frustrados com a carreira. Muitas vezes estes artistas se culpam, pois muitos deles não se aperfeiçoaram, não buscam novas metodologias, maquiagens, novas formas de interpretar, novas performances.

Dentro de poucos instantes nos preparamos para deixar o camarim e entrarmos no palco (sala de aula). Logo vem o toque, avisando que temos apenas cinco minutos. Na hora marcada o diretor invade o camarim, dizendo que o espetáculo deve começar. Vamos todos para os palcos, trapézios, picadeiros (salas de aula) onde o nosso público compulsório já espera a nossa entrada, às vezes triunfal, outras vezes, nem tanto.

O espetáculo tem início, é a nossa primeira apresentação no dia, o palco é bem tradicional, são salas de aula com muitos alunos e pouco espaço para a sua performance.

A exibição sai sem dúvida, bastante prejudicada, e o espetáculo vai acontecendo, até que um esquecimento do texto é fatal: -Sentei na cadeira!! O diretor sempre avisava para não cometermos esse erro, pois, as cadeiras estão sempre empoeiradas e a calça que estava era branca, o que indica que o teatro não é bem cuidado. Tudo bem! Recuperado do "mico", deixo o primeiro set e parto para outros onde "enceno" mais duas vezes, até que chega a hora de voltar ao camarim coletivo para tomar um café e repassarmos o texto, para entrar mais uma vez em outras salas para a 4ª, 5ª e 6ª sessão.

Caminhando em direção ao camarim coletivo vou "curtindo" um pouco da estrutura física do teatro das fantasias. São ao todo oito palcos (salas de aula) em pleno funcionamento, três banheiros onde os atores profissionais e o público bestificado podem lavar as mãos e fazer suas necessidades fisiológicas (sendo dois de uso dos alunos e outro exclusivo para os professores e funcionários). Uma secretaria, uma diretoria, uma cantina com dispensa para armazenar os alimentos que, "às vezes", chegam da Secretaria de Educação e Cultura, sempre em pequena quantidade. O teatro também dispõe de uma biblioteca, mas que funciona precariamente com textos que todos deveriam conhecer para que o espetáculo funcionasse bem, mas alguns nunca entraram lá, dando espaço para o mofo e as traças. Por fim, o teatro dispõe de um pequeno pátio que serve para a recreação dos alunos e uma área coberta para apresentações e eventos.

Complementando esta estrutura, existem ainda alguns equipamentos que servem para auxiliar as nossas encenações: 2 televisores, 2 videocassetes, 3 aparelhos de som, algumas fitas e mapas geográficos para orientação espacial.

Depois desse passeio chegamos novamente ao camarim (sala dos professores), entre uma água e um café vamos observando quantos atores formam o elenco naquele espaço físico, são 45 atores (funcionários) que estão divididos da seguinte forma: 33 professores (6 no Ensino Fundamental I, 4 Português, 4 História, 4 Matemática, 4 Geografia, 2 Química, 2 Biologia, 2 Inglês, 2 Educação Física e 1 de Religião), 3 diretores, 3 secretários, 2 auxiliares, 2 cozinheiros e 2 porteiros.

O intervalo é curto e acreditamos que seja de forma proposital para que os atores não possam trocar informações sobre as suas atuações. Após quinze minutos voltamos para o palco onde enfrentaremos mais três atos do espetáculo. No último ato do dia os atores já não têm mais a mesma desenvoltura. Os próprios espectadores estão bem cansados e nós atores precisamos ser mais que

apresentadores da verossimilhança, agora é a hora de entrar o “show man”, com jogos educativos e um pouco de humor. O sexto ato vai chegando ao seu desfecho e todos (cerca de 300 alunos pela manhã) partem para vivenciar outras experiências cotidianas tão duras e tão carentes quanto aquela peça trágica que acabaram de assistir.

Esse é o final do espetáculo proposto por um “aprendiz de professor”, pois a arte de ensinar não está apenas no ato de “passar informações obtidas num livro didático, está sim em colocar o público (os alunos) e ele mesmo para refletir e se posicionar sobre tudo, vendo no campo teatral uma válvula de escape para apresentar, discutir, destruir e reconstruir os conhecimentos repetidos anos a fio. É como a peça escrita por Chico Buarque de Holanda “Roda Viva”⁷ que visava a interação do artista com a platéia, sendo que o espetáculo era todo desencadeado para que esta platéia fossem os próprios personagens. É assim que deve ser a sala de aula, o aluno deve ter um papel de destaque, cabe a nós produzirmos este espaço.

É neste momento que as cortinas se fecham anunciando o final do espetáculo e voltamos a ser anônimos da vida, nomes e rostos sem máscaras apagados na multidão, só temos representação, identidade, como aborda Nuria Pérez⁸, enquanto os outros constroem a nossa identidade, que neste caso, é a de um professor-ator. Por isso pensamos como o pessimista filósofo argelino Albert Camus: “Criar é dar forma ao próprio destino”.

⁷ Chico Buarque escreveu *Roda Viva* na década de 60 e foi considerada um marco no teatro brasileiro, depois a mesma virou música.

⁸ Nuria Pérez enfatiza a identidade no texto *Identidade, Diferença e Diversidade: manter viva a pergunta*.

CONCLUSÃO

Em suma, podemos perceber ao longo deste relatório que a Prática de Ensino é uma disciplina que serve para nos mostrar como deveriam ser os primeiros passos de um educador dentro de uma sala de aula e que a mesma transcorreu com dificuldades, que, na medida do possível, tentamos superar.

No campo do estágio, o que observamos foi uma grande distância entre colocar as teorias que aprendemos na academia dentro de uma sala de aula. Um outro ponto é que acreditamos que a Prática de Ensino deveria ser uma disciplina que funcionasse desde o 4º período e os alunos comesçassem desde daí a experimentar a sala de aula, para que quando o estágio ocorresse, no último período, estivéssemos bem preparados para desempenhar melhor a nossa futura profissão. É inadmissível deixar tudo para o último período e fazer a disciplina meio que atropelando tudo.

Assim, acreditamos ser o momento de repensar essa prática atrasada em que muitos professores nem sequer acompanham seus orientandos na hora do estágio. Estes alunos são aprovados na disciplina com notas altíssimas, enquanto outros professores-orientadores, que acompanham passo-a-passo seus orientandos, avaliando como deve ser avaliado o estágio, dão notas inferiores, mas, às vezes justas, pelo que foi possível fazer. Um aluno, que não teve o acompanhamento necessário, ou até mesmo nenhum, recebe uma nota alta e o professor pontos na GED e isso nos deixa altamente chateados. O momento é de muita reflexão, pois se continuarmos desse jeito corremos o risco de colocarmos profissionais medíocres no campo de trabalho, muito embora a maioria vá buscar conhecimentos para suprir o que o Curso deveria lhe proporcionar, embora não tenha proporcionado.

Ao sair do curso de História percebemos que o mesmo nos deu um posicionamento crítico frente a tudo, embora seja muito pouco para um curso que se diz moderno e atualizado. Assim, analisamos que o curso tem seus momentos bons e ruins, fortes e fracos. Os bons e os fortes vamos fazer com que venham cada vez ser melhorados e os ruins, depois de detectarmos as falhas, tentar suprimí-las, afinal não só formamos bacharéis e sim também licenciados. Isso é sem dúvida um grande desafio, mas, o que seria isso frente a ser um historiador? Nada, não é mesmo?

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Nilda & GARCIA, Regina Leite. *A invenção da Escola a Cada Dia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BANN, Stephen. *As Invenções da História – Ensaio sobre Representação do Passado*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia*. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: W. M. Jackson, 1949.

CARRETERO, Mari. *Construir e Ensinar – As Ciências Sociais e a História*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CORAZZA, Sandra Mara. *O que quer um Currículo?* Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

CORAZZA, Sandra Mara. "Planejamento de Ensino como Estratégia de Política Cultural". In. MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (Org). *Currículo: Questões Atuais*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1997.

COSTA, Marisa Vorraber & CANDAU, Vera Maria (Org). *Cultura, Linguagem e Subjetividade no Ensinar e Aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault e seus Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

HOBSBAWN, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.

MARANHÃO, Ricardo e ANTUNES, Maria Fernanda. *Trabalho e Civilização: O Mundo Contemporâneo do Século XIX aos Dias Atuais*. São Paulo: Moderna, 1999.

MARQUES, Adhemar Martins, BERUTTI, Flavio Costa & FARIA, Ricardo de Moura. *História Moderna Através dos Textos*. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 1990.

NIKITIUK, Sônia L. *Repensando o Ensino de História*. São Paulo: Cortez, 1996.

PILETTI, Nelson & PILETTI, Cláudio. *História e Vida Integrada*. 7ª série. São Paulo: Editora Ática, 2002.

PILETTI, Nelson & PILETTI, Cláudio. *História e Vida Integrada*. 8ª série. São Paulo: Editora Ática, 2002.

STEPHANOU, Maria. "Instaurando Maneiras de Ser, Conhecer e Interpretar". In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/ Humanitas publicações, v. 18, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a Questão do Outro*. São Paulo: Martins e Fontes, 1993.

VICENTINO, Cláudio. *História Geral: Volume Único: Ensino Médio*. São Paulo: Scipione, 2002.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Segunda Guerra Mundial: História e Relações Internacionais, 1931-1935*. Porto Alegre: UFRGS, 1988.

WHITE, Hayden. *Meta-História – A Imaginação Histórica no Século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

ANEXOS

ATIVIDADES EM SALA DE AULA

| AULAS | CARGA HORÁRIA | ATIVIDADES TRABALHADAS |
|--------------|----------------------|--|
| 1ª e 2ª | 02 horas | Apresentação dom Plano de Curso |
| 3ª e 4ª | 02 horas | Problemas e solução na Prática de Ensino. |
| 5ª e 6ª | 02 horas | Discussão do texto: "A Estratégia do Planejamento de Ensino". |
| 7ª e 8ª | 02 horas | Discussão do texto: "A Estratégia do Planejamento de Ensino". |
| 9ª e 10ª | 02 horas | Discussão do texto: "A Estratégia do Planejamento de Ensino". |
| 11ª e 12ª | 02 horas | Discussão do texto: "A Estratégia do Planejamento de Ensino". |
| 13ª e 14ª | 02 horas | Discussão do texto: "A Estratégia do Planejamento de Ensino". |
| 15ª e 16ª | 02 horas | Discussão do texto: "Prática de Ensino e Estágio Supervisionado". |
| 17ª e 18ª | 02 horas | Discussão do texto: "Prática de Ensino e Estágio Supervisionado". |
| 19ª e 20ª | 02 horas | Discussão do texto: "Prática de Ensino e Estágio Supervisionado". |
| 21ª e 22ª | 02 horas | Definição das escolas que iremos estagiar |
| 23ª e 24ª | 02 horas | Discussão do texto: "A Prática de Ensino e a Produção de saberes na Escola". |
| 25ª e 26ª | 02 horas | Discussão do texto: "A Prática de Ensino e a Produção de saberes na Escola". |

| | | |
|-----------------------------------|----------|--|
| 27 ^a e 28 ^a | 02 horas | Discussão do texto: "A Invenção da Escola a Cada Dia". |
| 29 ^a e 30 ^a | 02 horas | Discussão do texto: "A Invenção da Escola a Cada Dia". |
| 31 ^a e 32 ^a | 02 horas | Discussão do texto: "A Educação Escolar na Virada do Século". |
| 33 ^a e 34 ^a | 02 horas | Discussão do texto: "A Educação Escolar na Virada do Século". |
| 35 ^a e 36 ^a | 02 horas | Discussão do texto: "Sujeitos e Subjetividade nas Tramas da Linguagem e da Cultura". |
| 37 ^a e 38 ^a | 02 horas | Discussão do texto: "Sujeitos e Subjetividade nas Tramas da Linguagem e da Cultura". |
| 39 ^a e 40 ^a | 02 horas | Discussão do texto: "Repensando o Ensino de História". |
| 41 ^a e 42 ^a | 02 horas | Discussão do texto: "Repensando o Ensino de História". |
| 43 ^a e 44 ^a | 02 horas | Discussão do texto: "O Conceito de História-ensinada: entre a razão pedagógica e a razão histórica". |
| 45 ^a e 46 ^a | 02 horas | A Prática do Estágio Supervisionado. |
| 47 ^a e 48 ^a | 02 horas | A Prática do Estágio Supervisionado. |
| 49 ^a e 50 ^a | 02 horas | A Prática do Estágio Supervisionado. |
| 51 ^a e 52 ^a | 02 horas | A Prática do Estágio Supervisionado. |
| 53 ^a e 54 ^a | 02 horas | A Prática do Estágio Supervisionado. |
| 55 ^a e 56 ^a | 02 horas | A Prática do Estágio Supervisionado. |

| | | |
|-----------------------------------|----------|--------------------------------------|
| 57 ^a e 58 ^a | 02 horas | A Prática do Estágio Supervisionado. |
| 59 ^a e 60 ^a | 02 horas | A Prática do Estágio Supervisionado. |

TABELA DE ATIVIDADES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

| Carga Horária | Atividades desenvolvidas no estágio | | | |
|----------------------|---|--|------------------------------------|------------------------------------|
| 36 horas | Preparação das aulas expositivas acompanhadas de leitura de textos teóricos, estudo de mapas e compreensão de filmes. | | | |
| 12 horas | Aulas do estágio no Ensino Fundamental e | 22/ 04 7^a e 8^a série | 29/ 04 2^a ano | 08/ 04 1^o ano |
| 12 horas | Reuniões com o orientador | 23/ 03 29/ 04 | 16/ 04 07/ 05 | 22/ 04 14/ 05 |

E. E. E. F. M. Irmã Joaquina Sampaio

ESTAGIÁRIO: Carlos Cavalcanti

ORIENTADOR: Antônio Clarindo

TURMA: 7ª Série

CARGA HORÁRIA: 1:40 minutos

PLANO DE AULA

TEMA: "A REVOLUÇÃO FRANCESA"

1- OBJETIVOS:

→ Refletir junto com os alunos como a França se encontrava em 1789 com seus "Três Estados" e configurar a mesma externamente nos conflitos com outros países europeus principalmente com a Inglaterra.

→ Analisar criticamente as fases atravessadas pela Revolução Francesa e o seu grau de radicalidade, enfatizando nesse ponto como a burguesia apresentou um caráter considerado revolucionário.

→ Interagir com os alunos passando as informações sobre como funcionava o cotidiano das pessoas pobres, como se deu a participação da mulher naquela Revolução e também como os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade eram expostos para todos, mas não foram utilizados por todos.

→ Analisar a "Declaração dos Direitos do Homem", vendo como a França ficou depois da Revolução e como esses direitos são desejados até o presente.

2- JUSTIFICATIVA:

→ A História Tradicional aborda A Revolução Francesa como um tema que mostra uma importância muito grande para a mudança de mentalidade dos homens em relação ao seu semelhante. No entanto, o que tentaremos explicitar nesta aula é de

como este assunto está ainda, e cada vez mais, presente no nosso cotidiano e muitas vezes nem percebemos como o mesmo se apresenta inserido em um contexto sócio-político-cultural e econômico que aparentemente não temos acesso, ou até mesmo desconhecemos.

3- RECURSOS DIDÁTICOS:

- * Quadro de giz.

- * Caricatura para mostrar como funcionava a distribuição econômica no período da Revolução Francesa.

- * Sugestão de filmes para os alunos assistirem em casa, tais como: "Danton: O Processo da Revolução" e "A Revolução Francesa".

4- METODOLOGIA:

→ A metodologia utilizada será de uma aula expositiva dialogada, tendo como base o livro didático *História e Vida Integrada* e a participação dos alunos respondendo ao exercício proposto.

5- AVALIAÇÃO:

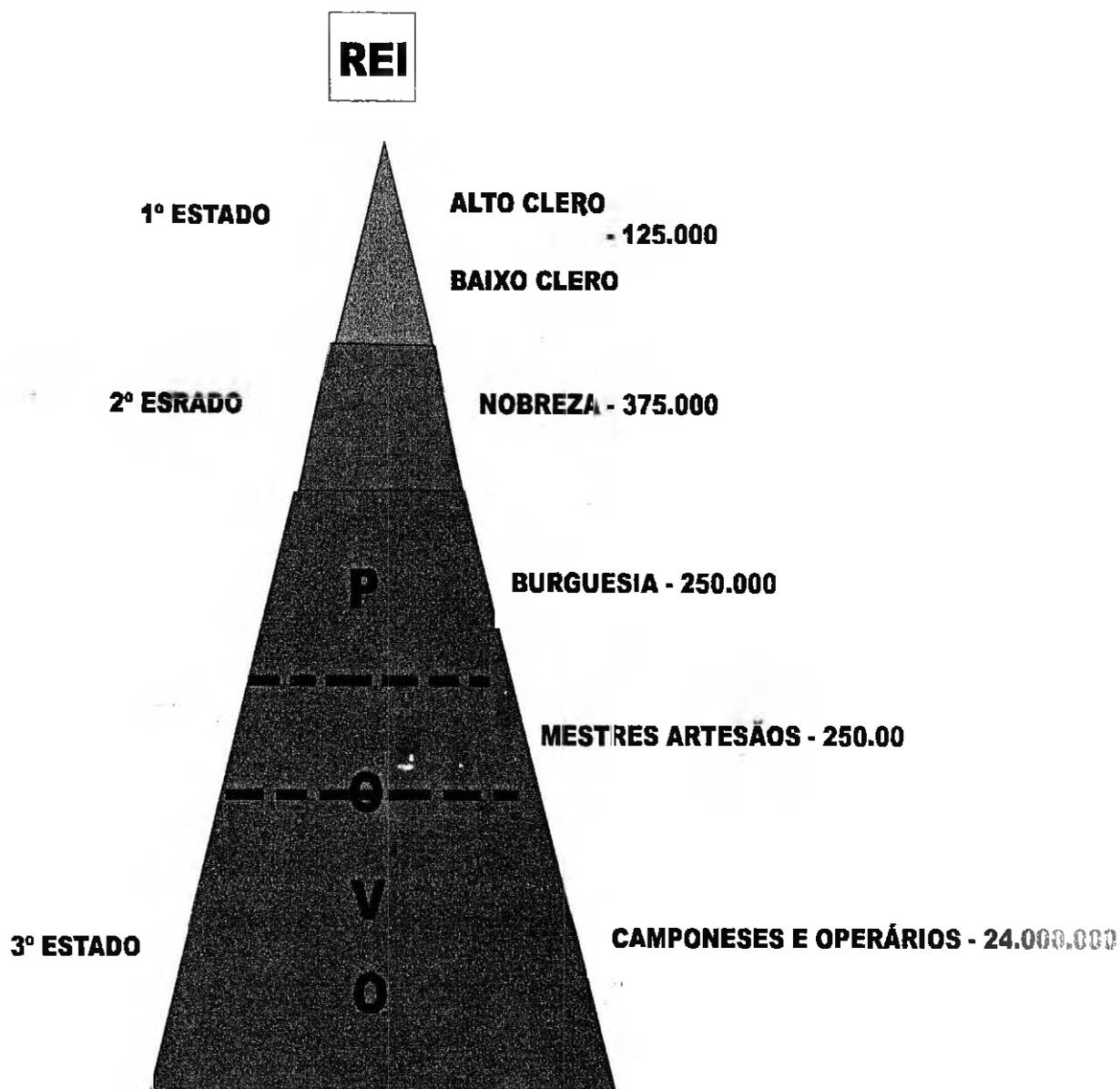
→ Dar-se-á de forma contínua no decorrer da aula na qual os alunos deverão refletir sobre como a Revolução Francesa influenciou diretamente na nossa vida, fazendo uma comparação entre o povo francês (da época da Revolução Francesa) com o povo brasileiro.

→ Questão do exercício: Em que aspectos você compararia o povo francês (da época da Revolução Francesa) com o povo brasileiro. Como os dois povos se colocam frente aos membros das classes dominantes?

6- BIBLIOGRAFIA:

MARQUES, Adhemar Martins, BERUTTI, Flavio Costa & FARIA, Ricardo de Moura. *História Moderna Através dos Textos*. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 1990.

PILETTI, Nelson & PILETTI, Cláudio. *História e Vida Integrada*. 7ª série. São Paulo: Editora Ática, 2002.

CARTAZ UTILIZADO PARA A REVOLUÇÃO FRANCESA**A SOCIEDADE FRANCESA ÀS VÉSPERAS DA REVOLUÇÃO**

APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO EM SALA DE AULA

A REVOLUÇÃO FRANCESA

1- A França e os Três Estados

- 1º Estado (Clero – Baixo e Alto)
- 2º Estado (Nobreza)
- 3º Estado (Povo: Burguesia, Camponeses, Artesãos, etc.)

2- As fases atravessadas pela Revolução: Burguesa, popular e a burguesia volta ao poder.

3- O cotidiano das pessoas pobres

- 3.1- Liberdade, Igualdade e Fraternidade?
- 3.2- As mulheres pegaram em armas,mas não votaram.

4- A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

EXERCÍCIO SOBRE A REVOLUÇÃO FRANCESA

- Em que aspectos você compararia o povo francês (Revolução Francesa) com o povo brasileiro. Como os dois povos se colocam frente aos membros das classes dominantes?

“Não corremos atrás porque se nós corrésemos atrás não existiriam isso porque os governantes diz lá no Planalto e nós com muita raiva aceitamos aqui. Se nós juntarmos uma caminhada para fazer que nem os povos da Revolução Francesa de prender Luís XVI mais como aqui a justiça não prender gente da autura pegamos aqueles governantes todos metemos o cacete nesse monte de ladrão”.

EXERCÍCIO SOBRE A REVOLUÇÃO FRANCESA

- Em que aspectos você compararia o povo francês (Revolução Francesa) com o povo brasileiro. Como os dois povos se colocam frente aos membros das classes dominantes?

“Na minha opinião eu acho que o povo lutou para ter um pedaço de terra para morar. A burguesia foi mudando tudo isso porque o povo lutou, morreu. Eu acho que todos os nossos governantes são tudo uns ladrões, acho que nós deveríamos votar, mas com responsabilidade sabendo em quem votar, mais é claro que o povo tem medo, mas medo de que? Se a gente quem decide o destino nosso país ou seja ficamos de braços cruzados aceitando tudo o que eles dizem.”

EXERCÍCIO SOBRE A REVOLUÇÃO FRANCESA

- Em que aspectos você compararia o povo francês (Revolução Francesa) com o povo brasileiro. Como os dois povos se colocam frente aos membros das classes dominantes?

“A revolução francesa foi uma grande meio de aproximação do povo com os corruptos que governavam o país nessa época.

Hoje em dia em nosso país (Brasil) tem pessoas que tentam lutar contra essas grandes covardias, covardia essas, desvalorização do trabalhador, desrespeito contra o cidadão Humano, e principalmente a falta de amor dos governantes, governantes esses que só precisa do pobre para ficar ricos e mais ricos, e quanto o pobre sofre cada vez mais.

É professor, em nosso mundo ou na época que vivemos, as pessoas tem medo de lutar contra a verdade, porque a verdade são eles, os nossos maiores inimigos.”

E. E. E. F. M. Irmã Joaquina Sampaio

ESTAGIÁRIO: Carlos Cavalcanti

ORIENTADOR: Antônio Clarindo

TURMA: 8ª Série

CARGA HORÁRIA: 1:40 minutos

PLANO DE AULA

TEMA: "A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL"

1- OBJETIVOS:

➔ Refletir junto com os alunos sobre o fato de que a Segunda Guerra Mundial estava sendo pronunciada bem antes de 1939 com conflitos geográficos, políticos, econômicos, étnicos e religiosos causados desde 1918 (com o final da Primeira Guerra) e que teve implicações mesmo depois de Segunda Guerra (até a década de 80) com o final do modelo socialista.

➔ Buscar compreender juntamente com os alunos que a Segunda Guerra foi a disputa entre dois blocos político-econômicos distintos, abordando as peculiaridades de cada um, de um lado os capitalistas liderados pelos norte-americanos e de outro os socialistas comandados pela ex-União Soviética.

➔ Interagir com os alunos comentando informações sobre como a guerra influencia diretamente no cotidiano das pessoas diante das imposições colocadas pelos países envolvidos na guerra, tendo em vista, por exemplo, o afloramento do patriotismo.

2- JUSTIFICATIVA:

➔ A história tradicional sempre aborda o tem "A Segunda Guerra Mundial" como algo que aconteceu em um determinado marco histórico e que não tem nenhuma

ligação com o nosso presente. A nossa proposta nessa aula é tentar mostrar exatamente o oposto. Que tal acontecimento é responsável pela modificação do nosso cotidiano, pois o mundo se dividiu em um bloco socialista e outro capitalista. No socialismo a ex-União Soviética tinha o domínio e passou a comandar muitos países, inclusive Cuba, na qual perdura esse modelo até hoje. No capitalismo, os Estados Unidos têm o comando e cresce a cada dia, tendo em vista que esse necessita de um grande mercado consumidor acompanhado do livre comércio e com isso põe fim ao modelo socialista defendido com tanta força pelos russos.

Enfim, o que queremos deixar claro é que o presente recebe implicações diretas da Segunda Guerra Mundial, seja no campo religioso com a chamada Guerra Santa entre palestinos e israelenses, protestantes e católicos na Irlanda, seja no campo cultural, onde o vencedor ganha espaço, colocando produtos industrializados como a coca-cola e hambúrguer (símbolos comerciais norte-americanos) para serem apreciados por russos, chineses, coreanos, etc; seja ainda no político, colocando a participação decisiva do povo como algo muito importante na escolha dos líderes. Ou no campo social, tentando aniquilar aqueles que lhes impõem algum temor como Cuba, Iraque e Rússia. Também no campo militar, onde a tecnologia em massa entra para construir um sistema de defesa cada vez mais forte, que às vezes, não funciona. E o aspecto econômico engloba um pouco de tudo que já foi dito.

3- RECURSOS DIDÁTICOS:

- * Quadro de giz.

- * Mapas históricos que abordam cenário da Segunda Guerra Mundial e mapas geográficos mostrando como o mundo ficou dividido em dois blocos após o final da guerra.

- * Sugestão de filmes para os alunos assistirem em casa: "O Holocausto", "O Resgate do Soldado Ryan", "Pearl Harbor", "A Nação do Medo", "A Patrulha sem Volta" e "A Lista de Schindler".

4- METODOLOGIA:

➔ A metodologia utilizada será aula expositiva, dialogada, tendo como base o livro didático *“História e Vida Integrada”* e a participação dos alunos, fazendo questionamentos e respondendo ao exercício.

5- AVALIAÇÃO:

➔ Dar-se-á de forma contínua no decorrer da aula na qual os alunos deverão refletir sobre quais as influências da Segunda Guerra nos nossos dias, tendo em vista a vitória do bloco capitalista.

APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO EM SALA DE AULA

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

1- Os acontecimentos na Europa antes da Segunda Guerra

- Espaço vital.

2- Todos contra a Alemanha, Itália e Japão.

3- A guerra influencia no cotidiano das pessoas.

- O Holocausto.
- Hiroshima e Nagasaki.

4- O mundo pós Segunda Guerra.

- Capitalistas x Socialistas.
- 46 milhões de pessoas morreram.

EXERCÍCIO SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

- Quais as influências que a Segunda Guerra Mundial teve nos nossos dias?

“Teve influências sim, em todos os aspectos, em melhorar seus compartimentos de guerra.

Melhoria em aviões mais sofisticados, com mais potência e velocidade e agilidades em seus ataques.

As bombas com mais poder de destruição, são mais avançadas em destruir.

Homens com mais coragem em guerriar, influenciados muitas vezes por fantasia, especialmente em ser Herói.

A guerra e suas potências mundiais.”

EXERCÍCIO SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

- Quais as influências que a Segunda Guerra Mundial teve nos nossos dias?

“A globalização, o processo de estimular a produção de novas tecnologias de guerra, a valorização da bolsa de valores, que toda grande e importante cidade tem. A valorização do capitalismo; a privatização; a abertura da economia para o mercado mundial?”

E. E. E. F. M. Irmã Joaquina Sampaio

ESTAGIÁRIO: Carlos Cavalcanti

ORIENTADOR: Antonio Clarindo

TURMA: 1º Ano

CARGA HORÁRIA: 1:40 minutos

PLANO DE AULA

TEMA: "AS TESES SOBRE AS ORIGENS DO HOMEM"

1- OBJETIVOS:

- ➔ Analisar, criticamente, em parceria com os alunos as duas principais teses (abordadas por seus respectivos interessados diretos) sobre como se deu a origem da Humanidade.
- ➔ Mostrar também outras versões da origem da Humanidade que são discutidos por povos orientais da antiguidade.
- ➔ Apresentar de forma sucinta como os ufólogos trabalham a questão da origem da Humanidade, a partir da "tese Exobiológica".

2- JUSTIFICATIVA:

➔ A pergunta que sempre girou em torno da Humanidade é quem somos? Ou melhor, de onde viemos? Pois, muito se fala sobre o assunto e pouco se conhece sobre o mesmo. Esta aula pretende mostrar as teses a respeito do tema em discussão para que todos compreendam e possam buscar um posicionamento.

Dentro da tese evolucionista, iremos mostrar que o conceito de evolução é definido pela ciência moderna, levando em conta a espécie *Homo* e sua evolução, abordando aspectos sobre a adaptação e adaptabilidade destes.

3- RECURSOS DIDÁTICOS:

- * Quadro de giz.
- * Cartazes mostrando como se deu a evolução da Humanidade.
- * Sugestão de filmes.

4- METODOLOGIA:

→ A metodologia utilizada será uma aula expositiva dialogada, tendo como base o livro didático *"História Geral"* de Cláudio Vicentino, e contando com a participação dos alunos respondendo ao exercício proposto.

5- AVALIAÇÃO:

→ Dar-se-á de forma contínua no decorrer da aula na qual os alunos deverão refletir e se posicionar frente às teses sobre a origem do homem.

Questão: Comente as duas teses mais conhecidas sobre a origem do homem e busque um posicionamento frente as duas, ou seja, qual delas você acredita ser a mais verossímil?

6- BIBLIOGRAFIA:

LIMA, Celso Piemonte. *A Evolução Humana*. São Paulo: Ática (Série Princípios), 1996.

VICENTINO, Cláudio. *História Geral: Volume Único: Ensino Médio*. São Paulo: Scipione, 2002.

APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO EM SALA DE AULA

A S TESES SOBRE A EVOLUÇÃO DO HOMEM

1- A Tese Criacionista.

- Base teórica: A Bíblia.

2- A Tese Evolucionista.

- Base teórica: Darwin A Origem das Espécies - Algumas espécies evoluíram mais que outras.

3- O surgimento do homem para os persas, mesopotâmicos, assírios, entre outros.

4- A Tese Exobiológica.

- Viemos nós dos extraterrestres?

E. E. E. F. M. Irmã Joaquina Sampaio

ESTAGIÁRIO: Carlos Cavalcanti

ORIENTADOR: Antonio Clarindo

TURMA: 2º Ano

CARGA HORÁRIA: 1:40 minutos

PLANO DE AULA

TEMA: "A EXPANSÃO MARÍTIMA E A REVOLUÇÃO COMERCIAL"

1- OBJETIVOS:

- Tentaremos analisar criticamente em parceria com os alunos, os fatores decisivos que influenciaram alguns países da Europa a buscar uma saída para reestruturar e fortalecer sua economia.
- Interagir com os alunos sobre a questão do chamado "medo do desconhecido", apresentando assim a mentalidade que existia nos homens europeus do século XV e XVI.
- Buscar compreender como ocorreram as transformações de uma economia feudal para uma economia capitalista (mercantilista).
- Entender como países que participaram muito antes nas conquistas marítimas regrediram a um estágio econômico menor do que outros países europeus.
- Buscar um posicionamento junto aos alunos sobre as duas teses referentes aos descobrimentos. A primeira, mostrando que tanto espanhóis quanto portugueses já sabiam das terras que iriam encontrar e a segunda, observando os vários depoimentos de navegantes que falavam que as terras foram descobertas por acaso.

2- JUSTIFICATIVA:

A expansão marítima acompanhada da revolução comercial sempre foi estudada no Ensino Médio como sendo temas que os professores não faziam uma ligação direta entre a passagem do feudalismo para a primeira fase do capitalismo, o chamado mercantilismo. Nesta aula tentaremos abordar com clareza essa transição, observando também como o Brasil se insere na questão da descoberta.

3- RECURSOS DIDÁTICOS:

- * Quadro de giz.
- * Mapas históricos mostrando com se deu a expansão marítima.
- * sugestão de filmes: "El Cid" e "1492: A Conquista do Paraíso".

4- METODOLOGIA:

→ A metodologia utilizada será uma aula expositiva dialogada, tendo como base o livro didático "*História Geral*" de Cláudio Vicentino, o poema "*Os Lusíadas*" de Luís de Camões e ainda a participação dos alunos respondendo ao exercício proposto.

5- AVALIAÇÃO:

→ Dar-se-á de forma contínua no decorrer da aula na qual os alunos deverão refletir sobre quais os motivos que levaram a Expansão Marítima e como a mentalidade da época construía a imagem do mar.

6- BIBLIOGRAFIA:

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.

VICENTINO, Cláudio. *História Geral: Volume Único: Ensino Médio*. São Paulo: Scipione, 2002.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a Questão do Outro*. São Paulo: Martins e Fontes, 1993.

APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO EM SALA DE AULA

A EXPANSÃO MARÍTIMA E A REVOLUÇÃO COMERCIAL

1- Final do Século XIV.

2- No Século XV surge a Expansão Marítima.

- A Expansão Marítima Lusa.
- A Expansão Marítima Espanhola.

3- As disputas ibéricas : os Tratados Ultramarinos.

4- A Expansão Marítima de outros países.

5- A Revolução Comercial (Século XV e XVII).

- Diversificação de produtos comercializados: Ásia, África e América.
- A morte de 46 milhões de pessoas.